

A DEFEEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—DR. João Baptista Nunes da Silva

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADORES:—Manoel Alves Correia
Joaquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura	PROPRIEDADE DA EMPREZA	Anuncios
Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75	Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar	Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições
« « « ano... 1\$50		54 centavos. Permanentes, contracto especial. Os
Africa e Brazil «... 3\$00		srs. assinantes teem 25 p. c. de desconto.

A MARGEM DA VIDA

III

LIÇÃO A TEMPO ?

«Ou administramos, ou morremos»

(F. Emidio da Silva)

Terminada a guerra, quando, arrefecidos os canhões e embainhadas as espadas, tudo parecia indicar que a luta brutal dos Exércitos se iria seguir a reconstituição das sociedades, resgatadas dos seus erros passados pelo sacrificio do seu sangue, uma outra luta se travou não menos brutal, nova labareda jorrou das cinzas da labareda extinta e a questão social, uma vez desencadeada pelo enfraquecimento dos diques em que a boa disciplina a mantinha, começou a alastrar e a envolver o mundo inteiro, nos seus tentáculos corrosivos e assoladores.

Sopra um vento agreste de insânia, frio como as geladas estepes d'onde se levantou, que vae ateando, mais e mais, as chamas já revoltas d'aquella labareda.

Parece que as sociedades, feridas nos seus fundamentos vitais, vão desmoronar-se, que todos os principios basilares da moral ameaçam ruir, a ordem subverter-se, quebrar-se o ultimo elo de disciplina, a liberdade degenerar em licença e dos escombros fumegantes do mundo, em que nascemos, vae sahir um mundo novo, cujos elementos e cuja vida são para nós uma dolorosa interrogação.

Mas, ainda nos organismos mais atacados, uma salutar reacção se vae operando e n'este corpo-a-corpo gigantesco, duelo herculeo entre a ordem e a anarquia, aqueles principios sempre novos, que foram o alicerce da nossa velha civilização, vão retomando o seu império, fortemente iluminados pelo esplendor da sua beleza eterna.

A propria França nos dá, n'este momento, o exemplo salutar d'esse esforço para a regeneração de toda a vida nacional, pelo milagre do trabalho fecundante e por uma bem criteriosa e honesta administração do património da Grei; vem-nos ele d'essa França, d'onde tudo copiamos menos o que é bom, d'essa França que encobre, com os ouros da sua glória, a miséria dos seus vícios, mas que tem, como poucos, o mágico poder de resuscitar, nos momentos de perigo, as suas extraordinarias virtudes de heroismo, de abnegação e de sacrificio.

As palavras, com que Millerand fez ás Camaras Fran-

ças a apresentação do seu ministerio, deveriam ser esculpidas e meditadas por todos os dirigentes da nossa governação, porque ellas pregam a doutrina elevada da renúncia dos interesses mesquinhos dos partidos em face dos interesses superiores da Nacionalidade.

Emquanto em Portugal, os homens de governo são escolhidos, não pelas garantias de competência que os seus nomes deem, mas pelo agrupamento politico a que pertençam, em França elles vêm para as cadeiras do poder d'onde quer que estejam, sem a menor preocupação politica, sem a mais leve subordinação ás artificiosas praxes parlamentares:

«O meu pensamento dominante—disse Millerand—foi agrupar á minha volta, ainda que os tivesse de ir buscar fóra do Parlamento, colaboradores competentes, firmemente dispostos a entregar-se de alma e coração á sua tarefa e só á sua tarefa».

Um dos maiores males de que enfermamos, n'este momento de crise, é a falta de confiança no esforço, na iniciativa e no zelo do Estado, originada e justificada pelo descalabro em que vemos a nossa economia, pela falencia das nossas finanças, pelo estado cahotico a que chegaram todos os serviços publicos e, ainda, pelas vergonhosas depredações dos dinheiros da Nação, que dia a dia se descobrem e revelam no proprio Parlamento.

E se é certo que «o futuro de Portugal não está em outra parte do que em nós mesmos, na nossa capacidade de produzir» (F. Emidio da Silva) é certo tambem que nenhuma iniciativa pôde enraizar-se, nenhum trabalho ser fecundo, nenhum esforço tomar valor, sem que a confiança renasça e nós tenhamos a segurança de que a má administração do Estado não tornará infructiferos os nossos sacrificios.

O governo de Millerand encára a direcção do paiz como a de uma grande e complexa empresa e, como o faria uma empresa desejava de viver e prosperar, começa por dar balanço aos recursos de que dispõe, ás dificuldades com que vae lutar, á situação em que se encontra e, com esta base bem assente e estudada, lançará as linhas geracs e seguras do pla-

no a executar.

Nós não temos o mais ligeiro inventário dos recursos com que podemos contar, não ha o esboço de um plano geral de fomento, não sabemos mesmo a verdadeira gravidade da situação em que nos debatemos.

Sentimos o peso esmagador das finanças arruinadas, olhamos com receio o futuro, onde não divisamos o tenue clarão de uma esperança, vemos os nossos campos incultos, as nossas florestas abatidas, a agricultura definhada e primitiva, a industria fragmentaria e parasitaria; a instrução, desviando-se cada vez mais da feição profissional e regional que devia ter, diminue em qualidade ao passo que aumenta em quantidade; o exercito rouba-nos ao trabalho productivo milhares de braços e custa-nos rios d'ouro (cerca de 40 mil contos); a policia e a guarda republicana levamos perto de 20 mil contos; a burocracia, sobrecarregada de empregados que nada fazem, serve apenas para dificultar e entrarav todo o esforço e, como corramento de todo este sudário de misérias, vivemos em uma sociedade que se desfaz na baixa immoralidade de todos os povos decadentes.

«Ou administramos... ou morremos», mas para bem administrar é necessario alguma coisa mais do que ter filiação n'este ou n'aquelle agrupamento politico: é necessario ter a garantia de uma vida de estudo, de trabalho e de experiencia, é necessario dar ao Paiz a segurança de um passado sem mácula, é indispensavel ter tambem a certeza de que a sua obra e o seu esforço terão continuidade e não estarão á mercê dos politicos profissionais e dos ambiciosos do poder, que tudo combatem, tudo amesquinham, tudo destroem.

Continuar a vida em que vamos é dançar, em um desvario macabro, á borda de um abismo que só os loucos não veem.

Quem, no silencio de uma meza d'estudo, rodeado apenas pela serenidade reconfortante dos livros, alheio a toda a preocupação politica, unicamente encara, atravez da nudez dos factos de cada dia, o caminho tortuoso e o passo vacilante com que caminhamos—cegamente, inconscientemente ou criminosamente—só por um optimismo demasiado, por uma fé cega ou por uma crença profunda na Fatalidade dos Destinos, pôde deixar de perguntar a si mesmo se este desgraçado Paiz poderá ter salvação ainda, ou se caminha, na inconsciencia dos tresloucados, para um suicí-

dio fatal, mais ou menos lento, mais ou menos próximo.

Ovar.

fevereiro de 1920.

Frel Credo.

Nunes da Silva, medico-cirurgião, participa aos seus clientes e amigos que retomou a sua clinica.

Consultas: Na residencia, todos os dias uteis das 9 1/2 ás 11. Rua de João de Deus n.º 118—Casa Luis Ferreira.

Au dessert...

No almoço comemorativo da entrega da Torre e Espada que se realizou na escola do Conde de Ferreira nesta vila—um dos melhores numeros dos festejos do 12 de Fevereiro—falaram, entre outros, os srs. Dr. Angelo Vaz (genro do ex-presidente da Republica Dr. Bernardino Machado, deposto pela revolução de cinco de Dezembro) e o sr. Manoel Bastos, natural d'Ovar e negociante em Lisboa.

O primeiro destes oradores depois de render um enternecido preito ás virtudes civicas do sr. Marques de Sá, o *Reisinho*, de Cortegaça, agradecendo a este senhor a amabilidade de o ter transportado no seu automovel, terminou o seu discurso pelo protesto de ainda se conservarem as cinzas do cadaver do Dr. Sidonio Paes no convento dos Jeronimos em Belem, que ali estavam emporelhando o templo.

O segundo dos supra-ditos oradores, o sr. Manoel Bastos, disse, em resumo, que estava farto de perguntar ás pessoas que abancam pelas mezas dos cafés de Lisboa por que não se tirava de lá isso, as cinzas do cadaver Sidonio Paes? Que diabo, já não era sem tempo!

Não fazemos comentarios. Com efeito, mais do que nunca nos pesa a ausencia a essa festa,

porque se estivessemos presentes teriamos reparado que em vez de se mexer nas cinzas dum morto, melhor fóra discutir-lhe a obra, para honra da solemnidade que se estava realisando.

AINDA... "AU DESSERT,"

Lixo.

Foi a frase protocolar de que se serviu o sr. General Mousinho d'Albuquerque, comandante da 5.ª Divisão do Exercito e representante do governo nas festas do 12 de Fevereiro nesta vila, para classificar a attitude de todos aqueles que ainda não tinham aderido á Republica. S. Ex.ª disse que mais poderia dizer se não fóra a sua dualidade de civil e de general. E para remate—quem quizesse vêr nas suas palavras aquillo que pretendia dizer, que visse.

Contam-nos que, quando o General fez o ataque ao *dezebrismo*, sorrisos e piscadelas d'olho se esboçaram pela assistencia.

A comentar, diremos como o General—quem quizer vêr nessa mimica facial o que ella pretendeu dizer... que veja

Xadrez

Viver para comer

Um dos numeros do programa dos festejos, com que se comemorou o 12 de Fevereiro nesta vila, foi, como não podia deixar de ser—ou não fosse Portugal o país dos gastrónomos e dos comilões (em qualquer sentido que se tome a palavra)—um banquete.

Comeu-se bem e bebeu-se melhor. E se não desapareceram os talheres, como num célebre jantar oferecido a determinado vulto politico, há anos já, no Palácio de Cristal, foi, creio bem, porque... nem só demo-

Chás

Perola-Lipton n.º 1

GAGAUS D'JONG E AFRIGANO

Chocolates Sic

Bolachas de Coimbra e da Invicta
Queijos Holandez e da Serra

Vendas na casa Celeste Gomes Pinto & C.ª
Rua Elias Garcia—OVAR

Endereço telegrafico—Celest.

vem facilmente os sentimentos das pessoas que naturalmente são honradas, nem os convivas deste banquete eram do jaez dos do Palácio.

Mas...enfim, comeu-se e bebeu-se á tripa fórra.

Fizeram-se muitos brindes, disseram-se muitas tolices, enxovalhou-se a memória de um morto, sem o minimo respeito pelo dever sagrado que todos temos de não atacar quem se não pode defender, e sem a menor consideração pelos convivas presentes, de diversos credos republicanos.

Mas... comeu-se e bebeu-se á larga; até lixo houve para sobremesa.

No edificio da escola, onde o banquete se realizou, deixaram de funcionar as aulas durante uma semana, para se poder lavar e enfeitar a sala, preparar as mesas, etc., etc.

Mas... comeu-se e bebeu-se do bom e do melhor, até se lhe poder chegar com o dedo.

Cá fóra, de porta em porta, velhinhos e crianças, cegos e estropeados, bandos de inválidos pediam uma esmola, imploravam um pouco de pão para matar a fome; láes havia em que pobres viúvas esfarrapadas e esfaimadas abafavam com lágrimas os gritos dos filhinhos que, magros e enfezados, morriam á mingua; por toda essa vila, por esse país alem

«Há criancinhas sem berço
E almas sem caridade!

«E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia»;

ouviam-se, perto já, o rufar do tambor negro da miseria suprema que se aproxima e do luto que vem alastrando.

Mas... ali, dentro daquela sala, comia-se e bebia-se até se não querer mais!!!...

Ah! que se durante três dias chovesse pólvora, e ao quarto um raio...

E, já agora, assim á laia de P. S., não nos poderiam indicar, verba por verba, o destino da do ao dinheiro angariado para os festejos?

Lembrando

Então, srs. camaristas, porque não respondem áquella minha pergunta... inocente do n.º passado?

Há na deliberação da comissão executiva da câmara municipal na sua sessão de 1 de Julho de 1919 alguma excepção para o taberneiro da rua Elias Garcia?

E que resposta dão os

srs. á accusação de que aqui me fis éco sobre a tal negociata do assucar de \$70 centavos vendido a 1\$20, e da célebre saca do mesmo género dada a determinado individuo?

Então isto aqui é alguma sucursal do antro do Tereiro do Paço?

«Ou comem todos, ou haja moralidade», já lá dizia o outro.

Jornalismo alevantado

De há tempo para cá tenho, mau grado meu, imolado o meu espirito a um sacrificio a que outro me costumava poupar, por uma questão de amor-próprio e de dignidade; tenho lido a «Patria». E é quasi sempre, devo-o confessar, com uma certa boa disposição que termino a leitura, porque, á laia do que succede com as peças teatrais do nosso simpático Cunha, nem só o espirituoso é engraçado; a extrema sensaboria tambem é... desopilante.

Houve, porém, neste

último numero uma passagem que, em vez do bom humor, me provocou uma grande repugnancia pelo autor.

Refiro-me áquella parte da secção «Através da Semana» em que um Alcino qualquer tenta passar a um clérigo uma daquelas afadistadas ras teiras em que é mestre o seu confrade Bernardino, «o Carioca».

Isto de atacar outrem com uma máscara na cara, nem no carnaval

Enfim... como não é comigo, nem pessoa alguma me passou procuração com todos os poderes incluindo os de defeza, limitar-me-ei a comentar:

Alcino... tem sido, muita gente boa.

Graça alheia

O Maior de todos chama o sr. Fidalgo ao seu amigo Dr. Chaves.

Alto lá, sr. Fidalgo!

O maior de todos é o nosso amigo Dr. Manoel Pacheco Polonia.

E se duvida...vai documento.

Jorge d'Aguilar.

Mons parturiens

Com grande admiração nossa vemos que em vez de ser a «Patria» quem responde ao que no ultimo numero lhe dissemos é o sr. dr. Pedro Chaves quem arvorando-se em patrono do dito jornal nos responde, calando-se portanto sobre o assunto a gazeta com quem andavamos discutindo. Nada tinhamos que responder a S. Ex.ª porque somente lhe diriamos que embora seja grande o estendal que faz na «Patria» a questão não era com S. Ex.ª e se o seu nome veio á baila nesta discussão foi pelo mesmo motivo porque já vieram publicados nomes nesse jornal que tambem nada tinham com o assunto. S. Ex.ª, temos quasi a certeza, escreveu aquella carta num momento de exaltação a que o seu espirito está constantemente sujeito. Isso explica a razão porque não vendo assinada a local, que publicamos, S. Ex.ª a attribue ao director politico da «Defeza».

Não sabiamos que os artigos dum jornal não assinados eram considerados do director, mas o que conheciamos, e não mentimos desta vez, é que os artigos não assinados são da redacção e se responsabilidade houvesse essa simplesmente caberia ao editor. Isto é o que nós sabiamos. Mas S. Ex.ª aproveitando o momento e vendo occasião favoravel, ataca o director deste jornal a quem S. Ex.ª e alguns dos seus correligionarios não podem *grammar*, nem pessoalmente nem politicamente. Parece que o sr. Dr. Nunes da Silva os faz reccar, como as creanças temem o papão, talvez porque vejam nele um homem sério e incapaz portanto seja onde for de deixar praticar uma má acção. S. Ex.ª devia ser mais mo-

derado. Assim o manda a boa educação e sobretudo a um jornalista não ficam bem palavras desbragadas. Mas nós vamos responder a S. Ex.ª como se somente se dirigisse á «Defeza».

A frase constante de S. Ex.ª é que mentimos. Afirma a todos os momentos da sua longa carta que não fazemos outra coisa senão mentir. E' um meio de defeza mas já muito conhecido. S. Ex.ª fazendo acompanhar a sua exposição por cartas de amigos nossos quer com elas provar o seu republicanismo desde tempos imemoriaes. Mas afinal nada faz e as cartas em vez de o provarem, tem pontos em que são para S. Ex.ª uma contradicção e para nós uma afirmativa do que dissemos. Vejamos. S. Ex.ª diz e as cartas o confirmam que se retirava das reuniões, visto não ser politico. Então isto não é uma contradicção a S. Ex.ª que afirma que aos vinte e um anos deitando numa lista republicana dá—*a mais clara*—prova de republicanismo?

Mas então S. Ex.ª não é politico, tem o seu ideal republicano, retira-se das reuniões do partido regenerador de então e por ultimo acaba por ir a uma reunião em 5 de Fevereiro de 1908 para as eleições de chefe do partido e da comissão executiva e em que foi eleito chefe honorário o sr. conselheiro Campos Henriques? Então S. Ex.ª não é politico mas assiste a essa reunião, diz «que lhe merecia simpatia por tradições de familia o partido regenerador de Ovar» e por ultimo no seu discurso nessa mesma reunião S. Ex.ª declarava «que sempre que haja colisão de interesses na luta dos partidos do melhor grado secundará os esforços destes» e mais «que

não deseja ser um soldado mas muito menos quer ser um desertor?» Então S. Ex.ª era ou não era politico? Não sabemos o que é não ser politico na opinião de S. Ex.ª, mas na nossa julgamos que não é politico aquele que embora tenha um ideal o guarda recatadamente só para si e se abstem completamente de tratar de assuntos politicos. E S. Ex.ª fez isto? Pois não o confessa que assistiu a tres reuniões politicas? Comprehendemos bem, S. Ex.ª fazia a vontade a todos e ora se encostava a um lado ora a outro. Não é máu assim proceder. Quasi sempre isso traz beneficios.

Mas S. Ex.ª exaltou-se demasiado e na sua grande... corrida traz a publico os seus serviços á Republica prestados em Aveiro (e não grandes foram!) e acusa o sr. Dr. Nunes da Silva de cá ficar. O director da «Defeza» ficou e muito bem. Andou com hombridade.

O seu posto era aqui ao lado dos seus doentes e nunca em outro lado. Nada lhe succedeu e acreditamos que nada succederia ao sr. dr. Chaves se cá tambem tivesse ficado. S. Ex.ª corre muito, mas facilmente tropeça. Prove-nos S. Ex.ª e com documentos que lhe mentimos quando afirmamos que até 5 de Outubro não era socio do centro republicano. S. Ex.ª nem nisso fala na sua carta á «Patria». E porque? Porque vê que diziamos a verdade e se preciso fosse o provavamos. S. Ex.ª fala simplesmente nos pontos em que julgou que estariamos mais fracos mas encontrou-nos devidamente aptos a provar-lhe que as nossas informações são tão boas como as de S. Ex.ª. Pois compreende-se que o sr. dr. Chaves fazendo uma demonstração de republicanismo aos vinte e um anos nunca mais deitasse por esse partido a não ser em 1910 nas ultimas eleições da monarchia e ser a isso obrigado porque *alguem* publicamente lhe disse que definisse a sua situação e não andasse com sofismas? Pois compreende-se que S. Ex.ª tendo feito a tal demonstração aos vinte e um anos não se inscrevesse como socio do centro republicano, não fizesse parte da comissão executiva desse partido em Ovar e não assinasse a circular que a «Patria» enviou com o seu primeiro numero em 30 de abril de 1908? Pois compreende-se que um homem fazendo publica demonstração de republicanismo aos vinte e um anos e vendo o seu ideal enfim implantado não sintia um impulso enorme a arrastá-lo para as manifestações de regosijo que ahí se fizeram e ainda seja preciso para o trazer para a lide que um seu amigo fosse convidá-lo e ante a sua resistencia ameça-lo de levar a sua casa a massa dos republicanos a aclamá-lo? S. Ex.ª antes de escrever o que escreveu devia pensar bem em todas estas coisas. Talvez não se exaltasse tanto.

Quanto ao resto tinhamos resolvido aguardar occasião mais propicia para falarmos, mas, como vemos que os nossos anteriores artigos deram logar a um incidente bem pouco agradável, ficamos por aqui, e nada mais voltaremos a dizer, a não ser que motivos ponderosos nos arrastem a isso.

Guilherme Lopes.

Tendo durante a nossa ausencia desta vila confiado a direção deste jornal a pessoa de absoluta honestidade, nobreza de caracter e dignidade, e apparecido successivamente na redacção do mesmo o original dos artigos «Maus processos» e «Uma resposta replicando a uma carta e outro artigo da «Patria», não teve o nosso substituto duvidas em inseri-los, como nós tambem o faríamos, por se apresentarem em termos modelarmente correctos, representarem uma defeza, e caberem perfeitamente dentro das normas republicanas deste jornal.

A carta do sr. Dr. Pedro Chaves publicada no ultimo n.º da «Patria» veio, porém, complicar a questão. Ao regressarmos hontem de Lisboa fomos immediatamente procurados pelo nosso amigo sr. Guilherme Lopes que perentoria e expontaneamente nos declarou serem os citados artigos da sua autoria, reivindicando para si todas as responsabilidades concernentes e expressou o desejo d'orante subscrever os seus artigos. E' com o maior dos prazeres que, com o seu assentimento e a seu pedido fazemos esta declaração, por ela representar uma afirmação de hombridade que muito nos é grato registrar, e vir confundir quem pretendeu servir-se disso para nos fazer um ataque pessoal.

A proposito do artigo «Uma resposta» o jornal a «Patria» publicou no seu ultimo numero uma extensa carta do sr. Dr. Pedro Chaves, em que este senhor aproveita o pretexto para nos fazer um ataque pessoalissimo, atingindo a nossa dignidade e não hesitando em calumniar para o fazer: porquanto este senhor afirma constantemente na sua carta que nós mentimos, mentindo ele por sua vez quando nos attribuiu cousas que não dissemos nem escremos.

Foi tal a ansia do ataque, que quasi se ia esquecendo do movel do artigo—a sua defeza! Repetimos o que já aqui tivemos occasião de dizer—quanto nos pesa a facilidade, desgraçadamente bem frequente nesta terra, com que degeneram em pessoas as questões puramente politicas. Fomos, pois, atacados pessoalmente, talvez muito de caso pensado, e isso a pretexto do artigo cuja autoria nos não pertence. E, se o sr. Dr. Pedro Chaves premeditou a calumnia que nos jogou, esse acto, a ser então conscientemente praticado, representa uma poltronaria que o terá definido. Emquanto não fórmos esclarecidos sobre este ponto, só podemos trocar em desprezo a tal consideração (sic) de homens dignos em que tanto se empenha por nos manter.

Ao publico, que está acima do sr. Dr. Pedro Chaves, devemos lhe explicações para repór a verdade e destruir, desta feita, as insinuações que de vez em quando a sua pena deixou cahir na carta que ora trouxe a publico. Sendo-nos materialmente impossivel da-las hoje pelo conhecimento tardio que tivemos deste incidente, prometemos fazê-lo no proximo numero, conjuntamente com a liquidação do caso das pri-

sões, para depôrmos nas mãos doutrem a direção deste jornal.

Ovar, 22-2-20

Nunes da Silva.

Carta

Do nosso particular amigo sr. Antonio Gaioso, alma de verdadeiro patriota e republicano de rija tempera, recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade, chamando para ela a atenção de todos os vareiros.

Eil-a:

Senhor Director do jornal «A Defeza»

Meu presado amigo

Publicou há tempos a «Patria» uma carta de um sr. Antonio Pinto da Costa fazendo referencias á minha pessoa, ao que a «Defeza» respondeu expondo o que neste momento me não ocorre. Veitou a «Patria» á carga com artigos talvez do mesmo autor ou de outro Costa Pinto Antonio lá da redacção, fazendo varias ameaças e entre ellas a de que publicaria a razão do meu afastamento do grupo democratico, o que rialmente fez neste ultimo numero, mas de uma maneira que está muito longe da verdade. Pois, sr. Director, chegou a vez de eu esclarecer o publico, embora muito resumidamente, visto que a minha situação official não permite minuciosamente o fazer, e de, com testemunhos de pessoas dignas, atestar se quizer que não foi o papellinho que do quartel me mandou o sr. tenente Oliveira e sugerido por um cavalheiro cujo nome não quero declinar, nem o telegrama emanado do Quartel General de Coimbra, que deram logar á decisão que tomei, pois que essa resolução foi motivada por uma conferencia que pelo telefone tive com Aveiro uma hora antes talvez de ter recebido qualquer dos documentos citados. A «Patria» sabe bem a importancia capital que na defesa da Republica tiveram os ferroviarios. Não ponho em duvida a heroica valentia dos srs. officiaes e soldados do 3.º batalhão de infantaria 24. Portaram-se nobremente, e lealmente cumpriram o juramento de honra que tinham prestado ao regimen. Porém, o que seria desses heróis e dos que se lhe agregaram em Aveiro se os ferro-viarios não abateram as pontes?

Então a «Patria» não sabe que cinco dias depois da retirada para Aveiro eu recebia ordem para lançar dois tramoes da ponte do Vouga ao rio? A «Patria» com as suas afirmações quer dizer que eu não fiz mais do que cumprir ordens militares, mas engana-se, porque eu se quizesse nada faria visto que a unica entidade que me poderia mobilisar era a brigada n.º 3 dos caminhos de ferro. Os ferro-viarios sacrificaram-se pela defesa da Republica e pela propriedade da Companhia e assim trabalharam 22 dias quando poderiam fazer o mesmo que tantos outros fizeram ou seja o mesmo que nada. Para a «Patria» os ferro-viarios são uns vultos apagados e o seu esforço nada representa, estando sempre disposta a elogiar os feitos duma entidade que afinal só serviu para bóbo de todos os que o viram e acompanharam na sua exhibição com as armas. Exposto isto direi que se é

certo eu manter uma decisão de represalia contra os monarchicos nos meus primeiros dias de exilio, foi porque me noticiaram a destruição da minha casa o que me exasperou imenso a ponto de, no auge do desespero, eu dizer que arcabosaria es que previriam nessa acção. Mas o que tambem é certo é que esse desespero me passou ao saber que era mentira tal noticia e muito principalmente por ver que o meu ideal vencia triunfalmente os seus inimigos. Isto era suficiente consolação para mim.

Chegados a Ovar propuz a reunião da Comissão politica e dos republicanos exilados para se orientarem no procedimento futuro para com os conterraneos que se tivessem salientado.

Em vão esperei essa reunião porque ela nunca se effectuou e em vez de isso punha-se em campo um esbirro que testemunhava o que não era verdade e arranjava muitas outras coisas mais. Fui pessoalmente entender-me com o sr. dr. Tavares e expôr o meu modo de ver, criticando o que se estava fazendo com as prisões, recebendo de S. Ex.ª a resposta de que tinha muito serviço no hospital de sangue e quem tinha tratado de tudo até ahí era o sr. dr. Chaves. Não falei a este ultimo cavalheiro nesse dia, mas, como os factos se iam passando, novamente voltei a falar com o sr. dr. dizendo-lhe que não concordava com as prisões realizadas e que pedia, *mas de chapéu na cabeça*, que se puzesse termo a essas perseguições. Mais tarde falei com o sr. dr. Chaves expondo-lhe pouco mais ou menos a mesma coisa e pedindo-lhe a soltura já então de Guilherme Lopes e tambem dos restantes presos, porque na minha opinião mais uns dias de cadeia aqui, em Ovar, eram o bastante para castigo do que tivessem praticado, se praticaram realmente coisa que merecesse castigo. O resultado desta minha entrevista com S. Ex.ª foi uma reunião de republicanos intimos que votaram o envio dos presos para Coimbra, excepto quatro que não concordaram com esta proposta. E lá vão os presos mas muito bem recomendados e a tal ponto que tornaram impraticas todas as «demarches» que em toda a parte empreguei para obter a sua justa liberdade. E aqui tem V. Sr. Director como os factos se passaram e que eu aqui relato para que o publico vareiro avalie bem de que lado se encontra a razão.

Desculpando-me o espaço que lhe roubo no seu conceituado jornal queira V., Sr. Director, acreditar na estima e consideração do de V. . .

Ovar, 21-2-20.

Antonio Gaioso.

CARTAS DO PARÁ

23 de Dezembro, 1919

Após dois accidentados dias de estada em Lisboa, com o coração minado pelas mais pungentes saudades da familia e das pessôas queridas, saudades da santa terrinha, saudades de tudo, saudades do indefinido, porque este na verdade o estado d'alma dos que se expatriam por qualquer motivo, mesmo que este seja um simples reflexo da vontade própria, lá parti de Lisboa no domingo, 30 de Novembro, ás 16 horas em ponto.

O vapor que me conduziu, com a hélice a estrebuchar nas águas limpidas do Tejo, leva a âncora e eis que o sacode da pópa á prôa, como que em desesperadas convulsões, a trepidação das máchinas que o accionam, trepidação que anuncia aoe

passageiros que elle, enfim, se pôi em marcha.

Só aquélles que alguma vez na sua existência viveram estes instantes épicos em que o coração, alanceado por essa dôr que o nosso sublime Garrett tão bem definiu no seu immortal poema «Camões», se despede, afflito e compungido, de tudo que vai ficando para trás, como o moribundo que no supremo aneio projecta offegante os lábios para depôr ainda o derradeiro ósculo no ente bem amado, só a esses, diziamos, é possível afferir tôda a variedade de sons da escala pathética dos sentimentos em que a alma intensamente vibra, como se fôra tangida pelo plectro mágico e maravilhoso dum Orpheu.

A vida é feita de realidades, não há dúvida, e das mesmas se alimenta; mas quem é que, na afanosa correria atrás dellas, não sentiu algum dia dentro em si, num desapêgo heroico pelo bem material, mão mysteriosa desferir-lhe as cordas da alma e arrancar-lhe a música celestial das saudades, tôda unvida dum suave mysticismo e opulentada pela riqueza tonal das mil evocações reaes e phantasticas que se atropelam no pensamento nestes lances? Se alguém houve já em quem o gôso banal das utilidades, economicamente fallando, sobreviveu ao prazer espirital que deriva desta impressionante e simultânea acção das faculdades da alma, sôb o acicate da saúde, esse alguém é digno de dô, porque não teve a sensação integral da vida nas suas múltiplas modalidades, não conheceu da fada Psyché, sobre cujos extraordinarios encantos o espirito humano teceu uma das mais engenhosas lendas, senão o nome e, porventura, a sua symbolização em lingua christã, não foi jámais um naufrago no aparcellado mar do pensamento, tentando desesperadamente abordar a frágil lenho em que entrevisse a salvação, sem nunca o attingir talyzê.

(Continúa)

Adolpho Amaral.

Noticiario

Fizeram anos:

No dia 15, a sr.ª D. Zulmira de Sousa, gentil filha do sr. Carlos de Sousa, sócio da fabrica de conservas desta vila a «Varinã».

No dia 17, o sr. José Rodrigues de Figueiredo.

No dia 20, a sr.ª D. Rosa de Araujo Sobreira, esposa do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira; e a sr.ª D. Gloria de Oliveira Dias Nunes Branco, esposa do sr. Manoel Augusto Nunes Branco.

No dia 21, a sr.ª Elvira Maia de Rezende, esposa do sr. Antonio Godinho Marques; o nosso conterraneo sr. José Ramos, ausente na Ilha do Principe; a menina Alzira, sobrinha do sr. Antonio A. Correia Baptista; o sr. Antonio de Oliveira Milhomens; e a sr.ª D. Maria Estefania Fonseca da Silveira Carrelhas, da Vila da Feira.

Fazem anos:

Hoje, dia 22, o sr. José de Oliveira Lopes.

E amanhã, dia 23, a sr.ª D. Maria Mafalda Carneiro Ramos Jemenez, esposa do sr. Miguel Redondo Jemenez.

A todos enviamos as nossas felicitações.

Partidas e chegadas

Teem estado entre nós todos os estudantes nossos conterraneos, havendo já alguns deles regressado ás cidades onde tiram os seus cursos.

— Regressou hontem de Lisboa o nosso Director, sr. Dr. João B. Nunes da Silva.

Doente

Aguarda há dias o leito retido pela gripe o sr. Dr. José Antonio de Almeida, a quem desejamos rapidas melhoras.

Falecimentos

Faleceu no dia 11, vitimada pela tuberculose, a menina Maria da Piedade Lopes Valente, nossa conterranea e aluna distincta da Escola Normal de Aveiro.

— No Principe faleceu tambem o sr. Augusto Hermógenes Ramos, desta vila.

— No dia 17 faleceu a esposa do sr. Domingos da Fonseca Soares e sogra do nosso amigo Augusto Valente.

— E ontem, 21, o sr. Joaquim Rodrigues Leite, pae do sr. Manoel Rodrigues Leite, capitão de infantaria 24.

A's familias enlutadas os nossos sentidos pêsames.

Festejos

Realisaram-se no dia 12 comemorando o aniversario da entrada das tropas republicanas em Ovar. Foi uma festa de confraternização a que assistiram republicanos de todos os matizes não só d'aqui como de fóra. Representando S. Ex.ª o sr. Ministro da Guerra encontrava-se o General Comandante da 5.ª Divisão sr. Mousinho de Albuquerque, que aqui veio propositadamente para colocar as insignias da Torre e Espada na bandeira do nosso municipio, gentil e patrioticamente oferecidas pela colonia vareira de Lisboa, e ao peito do então comandante do 3.º batalhão de infantaria 24 o nosso conterraneo sr. capitão Zeferino Camossa Ferraz de Abreu o colar da Torre e Espada que um grupo de amigos lhe oferecera e com que tinha sido condecorado pela sua attitude nobre e alevantada na defeza da Republica em Janeiro de 1919.

Sentimos que a falta de espaço nos não consinta noticiar detalhadamente o programa da festa e as pessoas que a ela assistiram. Dizemos todavia que houve discursos de verdadeira fé republicana e em que o partidatismo se esqueceu para sómente se pensar e evacionar os nomes da Patria e Republica.

O carnaval

Já lá vai o entrudo!

Este ano quasi passou despercebido.

Quão longe estamos daquêles tempos de carnaval folgazão em que por essas ruas passeavam a sua sensaboria grupos de mascarados numa vera apoteose da falta de espirito! Falta de espirito, sim, a maior parte das vezes; e, no entanto, com que saudade recordamos esse tempo da nossa infancia em que nos esgueiravamos de casa para irmos ali, ao largo do chafariz, ver as contradanças ou entremezas, em que por um ou dois vintens compravamos uma carêta, e em que de seringa nas mãos mimosivamos quem passava, com jactos de água... por vezes das pças das ruas!...

Há sempre nestas evocações do passado uma emoção que é como que a recompensa pela tristeza que a nossa alma sente ao relembrarmos com saudade o periodo da nossa infancia!

E o folgar no teatro!

E os bailes, quando mais crescidos já, no despertar da nossa adolescência, principiamos a ter assento nas reuniões do... bom tom!

Parece-nos sentir ainda entre os nossos braços, junto ao nosso peito, rodopiando connosco nas

voltas estonteantes de uma valsa esses corpos femininos de linhas graciosas como chamas que se elevam no espaço, corpos de jovens ardentes ou páldas, romanescas ou sensuais, morenas ou louras, de risos estouvados ou olhares meigos, que foram por momentos as nossas deliciosas companheiras e das quais nos ficaram como lembranças indeleveis, a confortar-nos as almas através das agruras da vida, o apertar convulso de uma mão esgula, o arfar descompassado de um peito, e quantas vezes?... sabe-o Deus,—a centelha de um olhar, fugaz como um sonho, que em nós despertou a ilusão do amor.

Mas... tudo lá vai!

«Metade da vida passamo-la nós a amassar ilusões em luar e lágrimas, e a outra metade a vê-las com tristeza evaporar-se no ar.»

O carnaval deste ano quasi se resumiu ás duas noites do teatro.

E aí, a verdade se diga, a animação foi grande. Da envolta com as setas do olhar cruzavam-se no espaço incessantemente as fitas variagadas das serpentinas. E se no meio da refrega, quando era mais acesa a luta, algum rôlo ou alguma bóla feriram uma cutis mais mimosa, quantas chagas tambem se não abriam nos corações mais sensiveis?

Da parte scênica diremos que as fitas do cinema se dispensavam bem, mesmo porque muito mais interessantes eram as que se passavam... áquem palco.

Das representações poucos comentarios leremos a fazer.

Parece-nos (e estas considerações vão com vista aos primeiros comediantes) que querer tomar a sério o papel nestes dias é grande ingenuidade.

Aos do fim do espectáculo daremos daqui um *bravo*, porque... nem só quando se faz boa figura é que se agrada e se faz divertir; há occasiões em que a propria sensaboria é um insuperavel especifico contra a hipocondria e a neurastenia.

Paradoxo extraordinário a que a noite de 3.ª feira nos fês chegar!

As honras da noite couberam sem dúvida alguma á bela e gentil Campasola, interessante bailarina que a Empresa do cinema contratou para os dois espectáculos.

Muito nova ainda e extremamente bonita a bela artista imprime a seus bailados uma graça exquisita que inteiramente nos prende, dando-nos um desejo intenso de nos seus braços partirmos para bem longe, para outro mundo desconhecido, ideal, sempre bailando com ela, inteiramente possuidos daquela inebriante voluptuosidade que o colear do seu corpo faz sentir a quem a vê dansar.

Que a Empresa do cinema nos apresente artistas como a interessante Campasola e os ovareses terão onde passar as noites agradavelmente.

Terceiros

E' no proximo domingo, 29, que tem logar esta antiga procição que trará a Ovar, caso o dia o consinta, muita gente não só das freguezias concelhias mas tambem de longe e que a apreciam imenso pela riqueza dos seus andores.

Pede-nos o Definitorio da Ordem Terceira organizadora da procição que tornemos publico a sua saída e em seu nome roguemos aos irmãos da Veneravel Ordem a sua comparencia.

Falta de espaço

Continúa a torturar-nos a falta de espaço.

Há original que se não chega a compôr, outro que tem de ser publicado por partes e outro ainda que, mesmo composto, tem de ser posto de lado.

Aos nossos colaboradores e leitores uma vez mais pedimos nos desculpem.

AVIZ

Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA

Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

— OVAR —

★ ANGELO GONZALEZ ★

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionaes e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 a 38 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor para calçado, bolsas de borracha para tabaco e muitos outros artigos.



Officina
— DE —
Calçado

MANOEL ROSAS

MARTIRES DA LIBERDADE
OVAR

E' esta a sapataria d'Ovar onde se faz o calçado mais perfeito. Sempre justo: o pé como uma luva, sem magoar, nem apertar. Trabalho sólido e bem acabado. Execução rápida, acabamento perfeito e seguro.

Ourivesaria

RELOJOARIA

— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS

Oficina e especialidade em finissimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR

Atlántica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$000

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Loios, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 »	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 »	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 »	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Alóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo